

## O ECO-HORROR VEGETAL EM INVASORES DE CORPOS (1955 [2020]) DE JACK FINNEY: SIMULACRO, HIPER-REALIDADE E CONSUMO DESENFREADO

Jaimeson Machado Garcia<sup>1</sup>

Priscila Gonçalves Magossi<sup>2</sup>

**Resumo:** Escrito por Jack Finney e publicado originalmente na década de 1950, em meio às tensões da Guerra Fria, *Invasores de Corpos* ([1955] 2020) aborda o tema da invasão alienígena. A narrativa, ao longo dos anos, tem sido reinterpretada em consonância com as mudanças culturais e sociais, demonstrando sua atemporalidade por permitir diversas leituras. Frente às crescentes preocupações ambientais que dominam os debates contemporâneos, este estudo propõe uma nova análise da obra a partir da perspectiva do eco-horror vegetal (Keetley, 2016). O objetivo é fomentar uma discussão sobre o consumo desenfreado, caracterizado pela liquidação dos sentidos (Baudrillard, 1991), saturação da informação (Morin, 1986) e a mecânica do conformismo (Marcuse, 1979), que culmina na emergência de simulações, simulacros e hiper-realidade (Baudrillard, 1991). A análise conclui que narrativas

---

<sup>1</sup> Jaimeson Machado Garcia é graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Franciscano (2013, UNIFRA, Santa Maria - RS) e em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (2014, UFSM, Santa Maria - RS). Mestre pelo do Programa de Pós-graduação em Letras com bolsa do Programa BIPSS - Bolsas Institucionais para Programas de Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edital 01/2019, UNISC, Santa Cruz do Sul - RS) e doutorando também pelo do Programa de Pós-graduação em Letras (UNISC, Santa Cruz do Sul - RS) com bolsa PROSUC/CAPES - Modalidade II. Durante o segundo semestre de 2023 realizou o doutorado-sanduíche no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (COS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com co-orientação da Prof. Dra. Lucia Santaella. Contato: jaimesonmachadogarcia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010-2014). Pós-doutora em Comunicação e Cultura Midiática (Universidade Paulista, 2022-2023). Autora da obra de "Ritualidades e vida cotidiana na cultura digital: uma investigação sobre os processos de comunicação e ritualização no ciberespaço" (Novas Edições Acadêmicas, 2020, 124p). Membro da Diretoria da ABCIBER (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura) — Biênio 2024/2025. Contato: pgmagossi@gmail.com

como *Invasores de Corpos* ([1955] 2020) podem ser vistas, sob a ótica do horror ecológico vegetal como reflexos da nossa desconexão crítica com a natureza e os desafios dessa relação.

**Palavras-chave:** Invasores de corpos; Simulacro; Hiper-realidade; Consumo; Eco-horror.

## THE PLANT ECO-HORROR IN THE BODY SNATCHERS (2020) BY JACK FINNEY: SIMULACRA, HYPERREALITY, AND UNBRIDLED CONSUMPTION

**Abstract:** Written by Jack Finney and originally published in the 1950s amidst the tensions of the Cold War, *Invasion of the Body Snatchers* ([1955] 2020) explores the theme of alien invasion. Over the years, the narrative has been reinterpreted in line with cultural and social changes, demonstrating its timelessness by allowing for diverse readings. In light of the growing environmental concerns that dominate contemporary debates, this study proposes a new analysis of the work through the lens of vegetal eco-horror (Keetley, 2016). The aim is to foster a discussion about rampant consumption, characterized by the liquidation of meaning (Baudrillard, 1991), the saturation of information (Morin, 1986), and the mechanics of conformity (Marcuse, 1979), which culminate in the emergence of simulations, simulacra, and hyperreality (Baudrillard, 1991). The analysis concludes that narratives like *Invasion of the Body Snatchers* ([1955] 2020) can be seen, through the lens of vegetal eco-horror, as reflections of our critical disconnection from nature and the challenges of this relationship.

**Keyword:** The Body Snatchers; Simulacra; Hyperreality; Consumption; Eco-horror.

### Introdução

No universo da ficção científica, a invasão da Terra por seres alienígenas é uma das temáticas mais emblemáticas. Durante a década de 1950, nos Estados Unidos, esse tipo de narrativa ganhou relevância, alimentada pela sensação de ameaça constante que dominava o cotidiano da população em plena Guerra Fria

(1947-1991) (Booker e Thomas, 2009). No entanto, com o passar do tempo, tais narrativas se atualizaram, tornando-se meios para explorar questões sociais e políticas de forma cada vez mais complexa e metafórica.

Quando combinadas com elementos do horror e seus subgêneros, essas narrativas ajudam a desvendar camadas mais profundas de significados, ao desafiar crenças arraigadas e revelar medos humanos fundamentais. Em *Invasores de Corpos* (2020), de Jack Finney, enfoque deste estudo, essa profundidade é acentuada quando observada por meio da perspectiva do eco-horror vegetal, que se articula com diferentes vertentes teóricas a fim de oferecer uma crítica à sociedade contemporânea. A obra não apenas desafia nossas crenças pessoais e científicas, mas também expõe as vulnerabilidades da humanidade frente à natureza.

Destacando-se como um forte representante do eco-horror vegetal, a obra de Finney explora a paranoia coletiva e os temores subjacentes às mudanças sociais ao apresentar vagens alienígenas que assumem a forma de seres humanos, criando uma atmosfera de desconfiança e alienação. A história se passa na pacata Santa Mira, onde o protagonista, o médico Miles Bennell, descobre que seus vizinhos estão sendo substituídos por tais seres cósmicos. Miles, inicialmente cético, torna-se um dos últimos resistentes à invasão, lutando ao lado de sua amada, Becky Driscoll, e de seus amigos Jack e Theodora.

Publicado inicialmente na revista *Collier's* em 1954 e posteriormente como livro em 1955, *Invasores de Corpos* (2020) tem resistido às transformações culturais, sociais e políticas ao longo das décadas, demonstrando sua atemporalidade e proporcionando múltiplas leituras e reinterpretações. Embora não seja explicitamente uma obra ambientalista, a narrativa contém elementos que podem ser interpretados à luz de vertentes teóricas voltadas à compreensão e crítica dos processos sociomediáticos contemporâneos. Esse entrelace conceitual mostra como a

duplicação alienígena subverte nossa percepção da realidade e reflete as crises de identidade e sentido na sociedade de consumo.

Diante disso, *Invasores de Corpos* (2020) se alinha com as seis teses do eco-horror vegetal de Dawn Keetley (2016), além de incorporar outros conceitos, como a emergência de simulações, simulacros e hiper-realidade de Jean Baudrillard (1991); a liquidação dos sentidos (Baudrillard, 1991); a saturação da informação (Morin, 1986); e a mecânica do conformismo (Marcuse, 1979). O presente estudo se estrutura, dessa maneira, em torno dessas perspectivas teóricas, buscando evidenciar como a narrativa de Finney reflete e critica as crises contemporâneas de identidade e a conflituosa relação com a natureza.

## **Da ameaça comunista à morte de pequenas cidades: as alegorias sobre *Invasores de Corpos* (2020)**

*“Lá embaixo, em Santa Mira, uma semana, uns dez dias atrás, alguém desenvolveu um delírio; um membro de sua família não era o que parecia ser, mas um impostor. Não é exatamente um delírio comum, mas acontece às vezes, e todo psiquiatra o enfrenta mais cedo ou mais tarde. Em geral, sabe como tratar.”* (Finney, 2020, s/p).

Comunismo, macartismo, homossexualidade, raça e gênero: essas são algumas das principais temáticas que, de acordo com Priscilla Wald (2008), estão relacionadas às narrativas de invasão alienígena da década de 1950. Essas narrativas frequentemente são vistas como espelhos das transformações nas hierarquias sociais e nos realinhamentos políticos globais da época, oferecendo uma crítica velada aos

# criação & crítica

Nº39

medos e ansiedades coletivas. Dentro desse contexto, *Invasores de Corpos* (2020) não permaneceu indiferente a essas interpretações.

A leitura mais proeminente vê a obra como uma alegoria ao comunismo, destacando como os alienígenas, com sua falta de emoção e individualidade, refletem os estereótipos mais difundidos da época sobre aqueles que seguem ideologias coletivistas. No entanto, ao limitar a obra apenas a essa alegoria, corre-se o risco de negligenciar suas camadas mais profundas de crítica social e cultural, já que ela também pode ser vista como uma crítica à crescente desumanização e mecanização na sociedade de massa.

Publicado logo após a Guerra da Coreia (1950-1953), os julgamentos de Julius e Ethel Rosenberg e as caças às bruxas de McCarthy, Johan Höglund (2014) explica que este romance e sua primeira versão cinematográfica foram algumas das primeiras manifestações artísticas dos temores associados a essa ideologia. Mas, com o declínio das tensões da Guerra Fria a partir da década de 1960, as narrativas de invasão alienígena perderam o foco nas disputas de sistemas econômicos entre superpotências.

Isso permitiu que essas histórias evoluíssem para explorar questões psicológicas e culturais, refletindo as ansiedades de uma sociedade cada vez mais dominada pela tecnologia e pela manipulação genética. Além disso, obras lançadas antes desse período passaram a ser revisitadas a partir de novos questionamentos. No caso de *Invasores de Corpos* (2020), a obra foi reinterpretada como uma metáfora ao horror epidemiológico, antecipando temáticas associadas a pandemias e doenças infecciosas, como a epidemia de HIV/AIDS, revelando a capacidade da narrativa de transcender seu contexto original.

Já em contextos mais contemporâneos, a obra de Finney e os potenciais sentidos que ela carrega consigo também são foco de estudo por perspectivas teóricas como a *small-town literature* — que engloba narrativas ambientadas em

pequenas cidades dos Estados Unidos. Essas histórias, embora frequentemente associadas à nostalgia, também podem funcionar como críticas ao conformismo e à estagnação cultural. Nathanael Booth (2017), ao citar *Invasores de Corpos* (2020) como exemplo desse gênero, sugere que a trama não só explora a solidão e a perda de individualidade, mas também serve como uma crítica à vida conformista e estéril que prevalece nas pequenas cidades americanas do século XX.

Essas abordagens teóricas destacam o modo como *Invasores de Corpos* (2020) transcendem seu contexto original, adquirindo novas camadas de significado ao longo do tempo. A obra se metamorfoseia em um espelho que reflete as ansiedades coletivas de diversas eras. Nesse ponto, surge uma perspectiva analítica adicional: o eco-horror vegetal. Explorar as metáforas da invasão alienígena sob essa ótica permite uma compreensão mais profunda das interações entre natureza, humanidade e os aspectos mais sombrios do inconsciente coletivo.

## **O florescer do medo: as seis teses do horror ecológico vegetal**

A ecofobia, embora tenha servido como uma resposta instintiva e útil em tempos coloniais, ao proteger os exploradores de perigos desconhecidos, evoluiu ao longo dos séculos para se tornar uma força destrutiva. À medida que a sociedade moderna se afastou da natureza, vendo-a cada vez mais como um recurso a ser dominado e explorado, essa fobia transformou-se em um dos motores da degradação ambiental e das mudanças climáticas, agora consideradas irreversíveis. O distanciamento crescente entre o ser humano e o ambiente natural, impulsionado por essa visão de medo e dominação, resultou em uma crise ecológica global, onde a natureza é constantemente subjugada até o ponto de ruptura.

# criação & crítica

Nº39

No campo literário, o horror ecológico encontra expressão em uma variedade de maneiras, muitas vezes explorando os ambientes naturais como espaços de terror latente. A vastidão silenciosa do deserto, os mares aparentemente calmos ou as densas florestas escuras são transformados em cenários onde o perigo é sempre iminente, oculto à primeira vista, mas presente em cada sombra ou movimento sutil. Dentro desse subgênero do horror, a vegetação, que normalmente seria vista como parte inofensiva do ambiente, é frequentemente representada como uma entidade predatória, abrigando perigos que transcendem a compreensão humana.

O horror ecológico não depende apenas da percepção de ameaças físicas diretas; ele também explora a sensação de alienação e desconexão que os humanos experimentam em relação à natureza. Mesmo sem considerar formas óbvias de ameaça, a simples existência da vida vegetal pode suscitar sentimentos de horror. Isso ocorre porque, conforme Keetley (2016) argumenta, as plantas são simultaneamente familiares e "alienígenas". Elas estão ao nosso redor, mas operam sob leis biológicas e temporais que escapam à compreensão humana comum, criando uma sensação de estranheza e desconforto.

Keetley formula seis teses sobre o horror ecológico vegetal, que oferecem uma estrutura analítica para compreender como a natureza, e particularmente as plantas, podem ser vistas como fontes de horror. A primeira tese sugere que as plantas existem para além dos limites do conhecimento humano, incorporando uma alteridade absoluta. Elas são estranhas porque, embora não pareçam ter intenções conscientes ou propósitos deliberados, demonstram uma capacidade impressionante de adaptação e conexão com suas condições externas, funcionando como uma comunidade interconectada. Essa alteridade das plantas reforça a desconexão entre o ser humano e a natureza, ampliando o horror ao desafiar nossa capacidade de compreender e controlar o ambiente natural.

# criação & crítica

Nº39

A segunda tese de Keetley aborda a capacidade das plantas de "se esconder" em nosso ponto cego, uma ideia sustentada por autores como Wandersee e Clary (2006). Os seres humanos, predispostos a se sintonizarem com animais, muitas vezes ignoram a vegetação, que não se move de forma perceptível e, portanto, não representa uma ameaça direta aparente. No entanto, nas narrativas de horror ecológico, essa inofensividade aparente é subvertida, pois as plantas, quando combinadas com a escuridão—o medo primordial do ser humano—podem ocultar perigos mortais. A planta, nesse contexto, se transforma de um elemento passivo do cenário em uma ameaça ativa, oculta e insidiosa.

A terceira tese investiga a concepção de que as plantas possuem uma inclinação natural para recuperar o que um dia lhes pertenceu. Esse impulso é frequentemente manifestado quando a presença humana se dissipa, revelando a resiliência e a força vital inerente da natureza. Em *Invasores de Corpos (2020)*, essa tese é exemplificada pelas vagens alienígenas que, ao colonizar o planeta, representam uma força vital que desafia a presença humana. Elas encarnam o poder regenerativo e conquistador das plantas, que, apesar das tentativas humanas de dominação, continuam a prosperar e a reivindicar seu espaço na Terra.

A quarta tese explora a ideia de que, apesar das distinções filosóficas que os humanos traçam entre si e as plantas, há momentos em que podemos reconhecer semelhanças entre nós e elas. Esse reconhecimento desafia as concepções tradicionais de identidade e controle, sugerindo que a linha entre o humano e o vegetal não é tão clara quanto se imagina. Nas narrativas de horror ecológico, essa relação é exagerada, mostrando como a racionalidade humana pode ceder à "vontade vegetal", um conceito que sugere que aspectos vegetais residem dentro de nós, levando à perda de controle e à emergência de uma identidade mais primitiva e conectada à natureza.



# criação & crítica

Nº39

A quinta tese de Keetley propõe a visão de uma vingança iminente por parte das plantas, uma ideia que tem ganhado força conforme a conscientização ambiental cresce. O medo de retaliação por parte da natureza, à medida que os impactos da exploração humana se tornam mais evidentes, se torna um tema central no horror ecológico. Em *Invasores de Corpos (2020)*, essa vingança é representada pelas vagens alienígenas, que parecem retaliar contra a humanidade por sua destruição e exploração do meio ambiente. Essa narrativa de vingança ecológica reflete os temores contemporâneos de que a natureza, uma vez subjugada, possa se voltar contra nós de maneiras imprevisíveis e devastadoras.

Finalmente, a sexta tese aborda a narrativa do horror vegetal destacando que, embora a vingança das plantas seja frequentemente retratada como apocalíptica, existem alternativas dentro desse gênero. Keetley sugere que as plantas, em vez de serem simplesmente agentes de destruição, podem ser vistas como um "evento" — uma ruptura radical com a normalidade que desafia as regras estruturantes conhecidas.

Essas seis teses de Keetley proporcionam uma visão abrangente e multifacetada sobre o horror ecológico vegetal, instigando uma reflexão profunda sobre as interações entre humanidade, natureza e narrativa. Elas não apenas nos ajudam a compreender as raízes do horror ecológico, mas também nos desafiam a adotar uma abordagem mais sensível e holística diante dos desafios ambientais contemporâneos. Ao analisar *Invasores de Corpos (2020)* por meio dessas teses, somos levados a reconhecer que o horror ecológico não reside apenas na ameaça física, mas também na desconexão e na alienação que caracterizam nossa relação com o mundo natural.

## **Simulacro, hiper-realidade e o consumo desenfreado em *Invasores de Corpos* (2020)**

*“Os vazios”, ele sussurrou, com a voz embargada, “é assim que aparecem... eles brotam!”* (Finney, 2020, s/p).

A análise do horror ecológico vegetal em *Invasores de Corpos* (2020) encontra uma base sólida nas seis teses de Keetley (2016), especialmente ao explorar como as plantas são retratadas como forças de alteridade radical, desafiando as noções tradicionais de identidade e individualidade humanas. Ao longo da narrativa, as vagens alienígenas são apresentadas como uma comunidade interconectada que opera em estreita harmonia com o ambiente, desafiando a visão antropocêntrica e ressaltando a desconexão entre a humanidade e a natureza, enquanto exploram a tendência humana de ignorar o que parece inofensivo. Essa invisibilidade é usada como uma vantagem mortal, subvertendo a segurança que o ambiente familiar deveria proporcionar, transformando a aparente inofensividade em uma ferramenta de dominação que revela o perigo latente em tudo que é subestimado ou ignorado. Esses seres interplanetários demonstram uma força vital implacável, impulsionada pelo desejo de conquistar e colonizar o planeta Terra.

As seis teses de Keetley (2016) ajudam a entender como a atuação das vagens alienígenas reflete a natureza resiliente do crescimento e da sobrevivência, destacando uma dinâmica de poder que desafia a dominação humana sobre a natureza. Ao utilizar os humanos como veículos para sua expansão, esses seres, embora interplanetários, revelam como a natureza, quando liberada das restrições humanas, pode reivindicar seu espaço de maneiras incontroláveis.

A narrativa também sugere uma convergência entre o humano e o vegetal, desafiando as concepções tradicionais de identidade e controle. Essa fusão, que borra as fronteiras entre o humano e o não-humano, questiona o que significa ser verdadeiramente humano. Nesse contexto, podemos entender *Invasores de Corpos* (2020) como uma história que explora o medo contemporâneo de que a natureza, uma vez explorada e destruída, possa retaliar de maneira catastrófica. As vagens alienígenas parecem surgir como uma resposta direta à exploração ambiental, personificando uma retaliação ecológica implacável e incontrolável. Esse temor de vingança destaca a possibilidade de que as forças naturais, quando provocadas, possam se voltar contra a humanidade com consequências devastadoras.

Diante disso, as vagens alienígenas não se configuram apenas como agentes de destruição, mas como catalisadoras de uma ruptura radical com a normalidade, introduzindo uma nova ordem que desafia as regras sociais e culturais estabelecidas — tal como pontuado na sexta tese de Keetley (2016). Essa ruptura representa uma oportunidade para questionar e reconfigurar as relações de poder entre humanos e natureza, deixando claro que *Invasores de Corpos* (2020) oferece uma alegoria sobre o horror ecológico e as relações complexas entre a humanidade e a natureza.

Essa análise ganha ainda mais profundidade quando vista sob diferentes prismas, que enriquecem e ampliam a compreensão do eco-horror. A partir da perspectiva de Baudrillard (1991), especialmente sua concepção de simulacro e hiper-realidade, argumenta-se que, em uma sociedade saturada por simulações, o real é substituído por representações que se tornam mais reais do que o próprio real, criando uma hiper-realidade. Em *Invasores de Corpos* (2020), as vagens alienígenas personificam essa ideia ao replicarem os humanos em todos os aspectos físicos, resultando em uma realidade distorcida e artificial que desafia as noções de identidade e humanidade.

# criação & crítica

Nº39

Baudrillard (1991) explica que o simulacro não é uma simples cópia: é uma cópia que se torna mais real do que o próprio real. Essa ideia se manifesta nas vagens alienígenas, que criam cópias humanas indistinguíveis dos originais, exceto pela falta de emoções genuínas. Essa transformação reflete uma sociedade em que a autenticidade é esvaziada em favor de uma aparência superficial, uma crítica à cultura contemporânea que valoriza a forma sobre o conteúdo, a imagem sobre a substância.

Conforme a narrativa explicada por meio do personagem L. Bernard Budlong, professor de botânica e biologia na universidade local e um dos primeiros a notar a invasão alienígena:

"[...] as vagens são parasitas de qualquer forma de vida que encontrem", continuou Budlong. "Mas são os parasitas perfeitos, capazes de muito mais do que se agarrar ao hospedeiro. São seres completamente evoluídos; têm a capacidade de assumir novas formas e se reconstituir em duplicatas perfeitas, célula por célula, de qualquer tipo de vida que possam encontrar em quaisquer condições a que a vida tenha se adaptado" (FINNEY, 2020, s/p.).

Essa criação de simulacros em *Invasores de Corpos* (2020) reflete, de forma ficcional, a preocupação de Baudrillard (1991) com a dissolução do real na era da hiper-realidade, visto que as vagens alienígenas substituem o que é genuinamente humano por algo superficialmente idêntico, mas intrinsecamente vazio. Essa crítica à perda de autenticidade se intensifica quando considerada à luz da saturação da informação e do entretenimento superficial discutidos por Morin (1986), cujo argumento centraliza-se na ideia de que, em uma sociedade onde a informação é incessantemente produzida e consumida, o significado das experiências humanas é diluído.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

Na obra de Finney, essa ideia é refletida na maneira como as vagens alienígenas criam um ambiente em Santa Mira que, à primeira vista, parece normal, mas que, ao ser analisado mais profundamente, revela-se vazio e desprovido de substância humana genuína. Nesse ponto, é possível entrelaçar os conceitos de Morin (1986) com a ideia de “vontade vegetal” proposta por Keetley (2016), visto que as plantas, movidas por uma necessidade intrínseca de crescer, expandir-se e dominar seu ambiente, operam com uma lógica diferente da dos humanos: “[...] não existia uma só emoção verdadeira, intensa e humana, mas apenas a lembrança e a simulação da emoção naquela coisa que em tudo se parecia [...]” (FINNEY, 2020, s/p.), como descreve Miles sobre os simulacros.

Essa “vontade vegetal” é refletida na subversão da essência humana, transformando-os em seres desprovidos de vontade própria, movidos apenas por uma necessidade mecânica de sobrevivência e expansão. Essa transformação dos humanos em meros veículos da “vontade vegetal” das vagens alienígenas pode ser vista como uma crítica ao processo de desumanização que ocorre em uma sociedade dominada pelo consumo desenfreado e pela lógica do crescimento ilimitado. Ao passo que as vagens alienígenas substituem os humanos, a autonomia e a agência humanas são sacrificadas em prol de uma conformidade mecânica.

Nesse contexto, a narrativa também se relaciona com as ideias de Marcuse (1979), que argumenta que, em uma sociedade industrial avançada, a liberdade de escolha é uma ilusão criada para manter o controle social. No caso das vagens alienígenas em *Invasores de Corpos* (2020), embora os simulacros alienígenas possam parecer humanos na superfície, a perda de agência reflete diretamente a crítica de Marcuse à forma como a sociedade moderna suprime a individualidade e promove a conformidade em nome da eficiência e do progresso.

Essa crítica à superficialidade da vida moderna se torna ainda mais significativa quando consideradas as implicações ecológicas do consumo desenfreado. O

# criação & crítica

Nº39

consumo excessivo não se limita aos bens tangíveis, mas estende-se à própria destruição do meio ambiente. A lógica de crescimento sem fim leva à exaustão dos recursos naturais e à degradação ecológica, um ciclo vicioso alimentado pela cultura do descartável e pela busca incessante por novidades. Em *Invasores de Corpos* (2020), essa lógica destrutiva se reflete na maneira como as vagens alienígenas consomem o ambiente e as pessoas ao seu redor, criando um ciclo de destruição que ameaça tanto a humanidade quanto o planeta.

Essa questão nos remete à visão de Marcuse (1979) sobre a “sociedade unidimensional”, que destaca como a racionalidade instrumental, priorizando a eficiência e o controle, domina e suprime qualquer consideração ética ou ecológica. Essa mensagem fica clara quando Budlong, já transformado em um simulacro, equipara os seres humanos às vagens alienígenas durante a captura de Miles e Becky:

“Você parece chocado, até enojado, mas o que a raça humana fez além de se espalhar por este planeta até ocupar tudo com dois bilhões de pessoas? O que vocês fizeram com este continente, senão se expandir até preenchê-lo? E onde estão os búfalos que vagavam por esta terra antes de vocês? Mortos. Onde está o pombo-passageiro, que antes escurecia os céus da América em revoadas de bilhões? O último morreu num zoológico da Filadélfia em 1914. Doutor, a função da vida é viver se puder, e nada deve interferir nisso. Não existe maldade envolvida; você odeia os búfalos? Devemos continuar porque devemos; não consegue entender?” Ele sorriu para mim amigavelmente. “É a natureza da fera” (FINNEY, 2020, s/p).

Essa fala destaca a internalização dessa lógica destrutiva tanto pelas vagens quanto pelos humanos, sugerindo que ambos são movidos por uma necessidade

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

inescapável de dominar e consumir. Essa visão utilitarista da natureza, onde a sobrevivência justifica qualquer ação, é uma crítica à forma como a sociedade moderna justifica a exploração e a destruição em nome do progresso e do crescimento. Nesse sentido, *Invasores de Corpos* (2020) revela como a desumanização, o consumo desenfreado e a exploração ambiental estão interconectados, resultando em uma sociedade onde a vida perde seu valor intrínseco e se torna uma mera mercadoria.

Essa crítica se torna ainda mais relevante quando observamos o contexto atual, em que as crises ambientais e a alienação social são sintomas de um sistema que prioriza o crescimento econômico acima de tudo. A obra se posiciona como uma advertência sobre os perigos de continuar nesse caminho, instigando os leitores a reconsiderar suas práticas e valores antes que se tornem, como as vagens alienígenas, meros simulacros de si mesmos, vivendo em um mundo que, embora familiar, está irremediavelmente vazio de significado e autenticidade.

O confronto final em *Invasores de Corpos* (2020), onde a violência humana força as vagens a deixar a Terra, sublinha a natureza destrutiva intrínseca da humanidade. Mesmo quando confrontados com uma ameaça externa, os humanos respondem com uma violência que, em última análise, é autodestrutiva. Essa reviravolta sugere que a verdadeira ameaça ao planeta não vem de fora, mas de dentro: da própria incapacidade da humanidade de viver em harmonia com a natureza e consigo mesma.

Essa conclusão se alinha com as críticas de Baudrillard (1991) sobre a sociedade hiper-real, onde a realidade é constantemente suprimida e substituída por representações que servem para manter a ordem e evitar questionamentos sérios sobre a direção que a sociedade está tomando. Em um mundo onde o real é constantemente distorcido ou ocultado, a capacidade da humanidade de lidar com

# criação & crítica

Nº39

crises reais, sejam elas ambientais, sociais ou existenciais, é severamente comprometida.

Além disso, a obra de Finney nos desafia a refletir sobre nossa própria capacidade de reconhecer a desumanização em nossa sociedade. Se os humanos em *Invasores de Corpos* (2020) não conseguem distinguir entre si mesmos e as cópias alienígenas, que chance temos de reconhecer as maneiras pelas quais nos tornamos cópias de nós mesmos, guiados por forças que não compreendemos plenamente? Essa reflexão é crucial em um mundo onde as pressões para conformidade, consumo e superficialidade são imensas.

*Invasores de Corpos* (2020) se mostra, assim, como uma narrativa que apresenta uma crítica abrangente à sociedade moderna. Através das lentes de Baudrillard (1991), Morin (1986), Marcuse (1979) e Keetley (2016), a obra nos oferece uma visão perturbadora de um mundo onde o real e o simulado, o natural e o artificial se misturam, nos convocando a resistir a essas forças desumanizantes, a redescobrir nossa autenticidade e a restabelecer uma conexão saudável com o mundo natural.

## Considerações finais

*Invasores de Corpos* (2020) revela-se, assim, como uma narrativa multifacetada que, quando analisada através das lentes do eco-horror vegetal, do simulacro, da hiper-realidade e das críticas ao consumo desenfreado, emerge como uma poderosa alegoria sobre as crises contemporâneas de identidade, autenticidade e sustentabilidade. A obra não é apenas uma reflexão sobre os medos da Guerra Fria, mas uma crítica atemporal à forma como a sociedade moderna substitui o real pelo artificial, esvaziando a vida de seu significado e essência.



# criação & crítica

Nº39

Como visto ao longo desse estudo, a substituição dos seres humanos por simulacros alienígenas, desprovidos de emoções e autenticidade, não é apenas uma ameaça externa, mas um espelho que reflete as práticas desumanizantes da própria sociedade. Em um mundo onde a cultura do consumo e do espetáculo predomina, *Invasores de Corpos* (2020) nos alerta para os perigos de nos tornarmos cópias de nós mesmos, vivendo em uma hiper-realidade que prioriza a aparência em detrimento da substância. Baudrillard (1991), Morin (1986) e Marcuse (1979) fornecem as ferramentas críticas para entender como essa transformação ocorre, não como uma imposição alienígena, mas como uma consequência de nossas próprias escolhas e sistemas sociais.

Além disso, a obra de Finney explora as implicações ecológicas do consumo desenfreado, utilizando a metáfora das vagens alienígenas para ilustrar como a lógica de crescimento ilimitado ameaça não apenas a humanidade, mas o equilíbrio do próprio planeta. A crítica de Keetley à “vontade vegetal” ressoa fortemente aqui, sugerindo que, ao perdermos nossa conexão com a natureza e nos entregarmos à lógica mecânica do consumo, nos tornamos tanto vítimas quanto perpetuadores de um ciclo destrutivo que pode levar à nossa própria extinção.

Portanto, *Invasores de Corpos* (2020) não é apenas uma narrativa de ficção científica misturada ao horror ecológico, mas um chamado urgente à reflexão. Ele nos desafia a questionar nossas práticas cotidianas, a reconhecer o poder transformador, e por vezes destrutivo, de nossas ações sobre o mundo natural e sobre nós mesmos. A obra enfatiza a necessidade de uma reavaliação crítica de nossos valores e sistemas antes que nos tornemos, como as vagens alienígenas, meras simulações de vida, vivendo em um mundo que, embora familiar, está irremediavelmente vazio de significado e autenticidade.

Em última análise, a obra de Finney nos alerta para a urgência de uma ação coletiva consciente para preservar não apenas a humanidade, mas também o delicado

# criação & crítica

Nº39

equilíbrio que sustenta toda a vida na Terra. A crítica presente em *Invasores de Corpos* (2020) é uma chamada para resistirmos à desumanização e à destruição ecológica, promovendo uma reconexão profunda e genuína com o que é real e autêntico—antes que nos tornemos irremediavelmente alienados em um mundo de simulacros.

## Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BOOKER, M. Keith; THOMAS, Anne-Marie. *The Science Fiction Handbook*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2009.
- BOOTH, Nathanael. *Beyond nostalgia: a walking guide to american small-town literature (1940-1960)*. 2017. 205 p. Dissertação - The University of Alabama, Tuscaloosa, Alabama, 2017.
- ESTOK, Simon C. *The Ecophobia Hypothesis*. Reino Unido: Routledge, 2020.
- FINNEY, Jack. *Invasores de Corpos*. Rio de Janeiro: Darkside, 2020. E-book.
- HÖGLUND, Johan. *The American Imperial Gothic: popular culture, empire, violence*. Farnham, Inglaterra: Ashgate Publishing Company, 2014.
- KEETLEY, Dawn. Introduction: six theses on plant horror; or, why are plants horrifying?. In: KETLEY, Dawn; TENGA, Angela (Orgs.). *Plant Horror: approaches to the monstrous vegetal in fiction and film*. Reino Unido: 2016, p. 1-30.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MARROW, Lance. Essay: The Start of a Plague Mentality. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,959945,00.html>>. Acesso em: 9 de fev. de 2024.

# criação & crítica

Nº39

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo: necrose*. vol. 2. São Paulo: Forense, 1986.

RAKSHIT, Riman. The Unnatural Nature: Edgar Allan Poe and Eco-horror. In: MUKHERJEE, Sharbani Banerjee; ROY, Soumitra (Orgs.). *Interrogating Eco-Literature and Sustainable Development: theory, text, and practice*. Reino Unido: Routledge, 2023.

WALD, Priscilla. *Contagious: cultures, carriers, and the outbreak narrative*. Durhan, Estados Unidos: Duke University Press, 2008.

WANDERSEE, J. H; CLARY, R. M. Advances in Research Towards a Theory of Plant Blindness. In: *Proceedings of the 6th International Congress on Education in Botanic Gardens at Oxford University*. London: Botanic Gardens Conservation International, 2006.

WELLS, Herbert George. *A guerra dos mundos*. Suma, 2016.

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que viabilizou essa pesquisa sob a forma de bolsa de estudo para o doutorando deste artigo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC).

Submetido em: 14/02/2024

Aceito em: 28/09/2024